

Mestiça — Base Social da Expansão Portuguesa

Voltávamos, com displicência as páginas do livro de Stefan Zweig. O estilo equilibrado e saboroso do autor de "Fernão de Magalhães" transportáramos à época dos conflitos entre a ânsia de conquista ou a intrepidez lusa e as inibições provocadas pelas teorias de Ptolomeu; a angústia de ver tão restritos os limites do mundo civilizado de então e, sobretudo, a curiosidade dos peninsulares ("E se esse oceano, cujas ondas poderosas às vezes atiram à praia raras madeiras estranhas — que devem ter crescido em alguma parte —, não fôsse tão infinito, mas conduzisse a regiões novas e ignoradas?") transformariam o pequeno país de Henrique, o Navegante, no verdadeiro trampolim para as grandes conquistas geográficas. Sagres galvanizaria as forças divinas, para secundar o Criador e fazer surgir as regiões além da periferia europeia, constituindo a primeira e formidante "racionalização" de meios para a "indústria" dos descobrimentos.

Deliciados com as idéias fecundas do saudoso biógrafo, tivemos, repentinamente, alertado o pensamento por um dos acidentes ocorridos com Pigafetta, o responsável pela narrativa da viagem famosa: "Em troca de um único guizo (recoremos que os barcos trazem nada menos de vinte mil) trazem (sic) — os nativos — um pesado cesto de batatas; por um encardido rei de um velho baralho dão a Pigafetta cinco galinhas, acreditando os guaranis terem enganado o incauto cavaleiro de Rodes. Também é encantadoramente baixa a cotação das raparigas que, segundo anota o cronista delicadamente, "trazem por única vestimenta o próprio cabelo". Em troca de uma faca ou de um machado recebem-se duas moças para toda a vida".

Esse fato, como exemplo, consubstancia o foco de que se projetam as largas perspectivas dos movimentos étnicos desencadeados pelos portugueses. Sabe-se que os intrépidos conquistadores devassaram os segredos das "cartas portolanas" (que eram, segundo Ary Maurell Lobo, a expressão máxima da cartografia da época), sempre sob o estímulo de conquistas econômicas e políticas e à pressão de uma como que faculdade de desagregação do português em relação à Europa. De fato, o luso, dentre os povos do Velho Mundo, foi o que menos se integrou em sua cultura, melhor, em seu "complexo étnico-social". A tendência de buscar novas fontes de riqueza fora do âmbito europeu, aliada à indiferença ante a escrúpulos de raça, permitiu a esse povo, tão pequeno em número, implantar dominação sobre um vasto e fertilíssimo acervo colonial. A identificação com os nativos das regiões conquistadas, o intercurso do elemento autóctone com a raça conquistadora (provocado, sobretudo, pela escassez de mulheres portuguesas destinadas às colônias), deu ao português provocar a extensão de sua "cultura" nas novas terras, com um mínimo de dispersão de seus nacionais. (Essa idéia é encontrada frequentemente nas obras sobre nossa formação e expansão lusa; cite-se, ao correr da pena, Gilberto Freire, em "Casa Grande e Senzala", e Castro Barreto, em "Povoamento e População").

São raras, com efeito, as emigrações das mulheres portuguesas para as novas regiões conquistadas; só nos séculos XVIII e XIX (especialmente no Brasil) se altera essa premissa. Por tal época,

Jerônimo de Albuquerque promove a importação de "navios de casais", para Pernambuco, enquanto que no Sul se iniciavam os desembarques dos "casais das ilhas" ou "casais de número". Até então o colonizador "veio misturando-se gostosamente com mulheres de côr, logo ao primeiro contacto, e multiplicando-se em filhos mestiços".

Ainda é Gilberto Freire quem nos dá interessante explicação, quanto ao caso brasileiro, para a etologia de nossos ancestrais lusitanos: "O longo contacto com os sarracenos deixou idealizada a figura da "moura encantada", tipo delicioso de mulher morena e de olhos pretos, envolta em misticismo sexual — sempre de encarnado, sempre penteando os cabelos ou banhando-se nos rios ou nas águas das fontes mal assombradas — que os colonizadores vieram encontrar parecido, ou quase igual, entre as índias nuas e de cabelo solto do Brasil. Que estas tinham também os olhos e os ca-

belos pretos, o corpo pardo pintado de vermelho e, tanto quanto as nereidas mouriscas, eram doudas por um banho de rio, onde se refrescasse sua ardente nudez, e por um pente para pentear o cabelo. Além do que eram gordas como as mouras. Apenas menos ariscas: por qualquer bugiganga ou caco de espelho estavam se entregando, de pernas abertas, aos "caraibas" gulosos de mulher".

Daí talvez a origem, menos como decurso da observação metódica, mas, com mais evidência, como deturpação popular, da afinidade do luso e da mulata, sucessora legítima daquelas índias e mulatas, cunhãs e molecas, em cujos ventres nasceu a população mestiça — cariboca e mulata —, que, na Colônia, irradiou nova onde coloração no "branco" já deturpado do português (lembramo-nos de que a gênese do mulato teve sede na própria Metrópole, antes ainda dos "descobrimen-

tos", segundo Euclides da Cunha).